

BRECHT MORREU
homenagem a Bertold Brecht
de Camilo Pellegrini

Personagens:

Mãe

seus dois criados mudos

Astolfo, o filho mais velho

Thalita, a filha do meio

Pamela, a filha mais nova

O mestre do crime conhecido como "O Faxineira"

Três alemães, um homem (A1) e duas mulheres (A2 e A3)

Um guardador de carros

O psicanalista

ATENÇÃO: O QUE ESTIVER GRIFADO É DITO EM ALEMÃO

A MÃE

A Mãe inspeciona uma gaveta. Os empregados a auxiliam.

Mãe- Eu sou a vilã, não é mesmo? Eu sou o talão de cheques. A malvada. Eu fuço nas gavetas dos meus filhos sim, vocês estão vendo... Ouço as conversas na extensão do telefone. A outra tava gritando um dia desses dizendo que a agenda dela tava remexida e que eu sou uma escrota. Minha filha, como você pode..? Eu não mexi na sua agenda... mas mexo! Mexo! Não sei com quem ela tá andando por aí! O Rio é uma cidade, vocês sabem, tá cada vez pior! Copacabana então, nem se fala! E eu sou mãe, viúva, sozinha, cuido dos três sozinha, tenho que me prevenir. Mexo em tudo que tiver dentro da minha casa. Essas paredes são minhas e o vazio entre elas também é meu. *(Para os empregados.)* Vocês aqui dentro são meus também, fazem o que eu quiser! A muito custo consegui essas paredes e aqui eu crio as regras, eu decido. Quando forem morar fora, talvez se torne constrangedor e até difícil bisbilhotar nas coisas deles, mas aqui não! É pra procurar droga, viu. Eu não vou sustentar vício. O meu dinheiro não tá aí pra ser gasto com maconha. Basta os melhores colégios que eu já paguei, as roupas, a comida, tudo, enfim. Eles devem tudo a mim. Só pode ser droga. Uma pessoa não muda desse jeito de uma hora pra outra. E eu que sempre que disse que a droga é uma droga... O que é isso aqui? Uma carta! Uma carta da Thalita!

Thalita- Te procuro pelo mundo todo! Em Mahagony, na Índia, Chicago, Berlim. Nos teus livros. Meu querido! Não penso em outra coisa! Te procuro! Leio as tuas peças de teatro inteiras e de novo e sempre e ouço a tua voz esganiçada cantando para mim, sinto a tua respiração no meu rosto e assim te odeio mais e mais. Porquê isto está acontecendo comigo? Porque eu tenho vontade de abraçar o teus ombros que não existem mais, beijar a tua boca que eu vi na foto. Aquela boca que eu quero! A que

ficou presa no tempo. Se perdeu, não existe, eu sei. Por que eu sinto o teu cheiro? Meu querido! Eu sei que eu não sou louca! Meu amor! Meu Bertold Brecht.

Mãe- Uma carta de amor????? As vezes é melhor encontrar uma revista de sacanagem na gaveta de seu filho do que uma carta de amor... e o que ela quer dizer com “te procuro pelo mundo todo...?” Meu Deus! Esse Bertoldo só pode ter engravidado a minha filha e fugido!!!

O empregado fala num walk talkie e depois sussurra algo no ouvido da mãe.

M- Ah! Manda entrar! Mas não esquece de me passar o homem pelo detector de metais. Esses pobres coitados são perigosos.

Entra o guardador de carros.

G- Bom dia!

M- Revista ele. (*O empregado executa.*)

G- A senhora vai bem?

M- Então era o senhorito que andava guardando carro ali na República do Peru com a Nossa Senhora.

G- Mas me encheram de porrada.

M- Te encheram de porrada?

G- Foi.

M- O senhorito não sabe ainda o que é encher de porrada. Aliás, o senhorito não sabe de muitas coisas ou não estaria guardando carros aqui em Copacabana.

G- Foi o que me restou.

M- Ah, é?

G- E foi só eu tentar ajudar um moço a estacionar, surgiram como do nada vários homens, dois me seguravam pelos braços e os outros faziam fila pra me bater. Chutaram o meu joelho, socaram a minha cara. E me deram esse cartão.

M- Deixa eu ver?

G- O endereço é daqui.

M- É daqui mesmo.

G- Mas eu não entendo.

M- O cartão é meu, rapaz. Você veio ao lugar certo. Isto é, se quiser trabalhar honestamente.

G- Eu quero trabalhar! Não entendo porque me bateram! Perdi cinco dentes!

M- Porque aqui é a minha jurisdição, meu querido. Aqui precisa da minha autorização para exercer a digníssima profissão de guardar carros.

G- Aqui...? Aqui aonde?

M- Copacabana, Ipanema, Leblon, Leme, Botafogo, Flamengo, Glória...

G- Glória?

M- O que você tem contra a Glória?

G- Nada.

M- Todas as vagas de carros nessas áreas são administradas por mim. E guardar um carro, você sabe, protegê-lo, parece um trabalho fácil mas não é não.

G- Mas eu não sabia...

M- Por que é ignorante. Existe um controle de qualidade, rapaz. Não dá pra qualquer um sair por aí se aventurando num ofício que tem os seus percalços.

G- Mas o que eu devo fazer?

M- Vou te encaminhar pro treinamento. Dispam-no. (*Os empregados executam.*)

G- Por favor, não!

M- Que fique claro desde o início, cinquenta e cinco por cento do que arrecadar é meu! Isto é pra sempre que o senhor trabalhar pra mim, está claro?

G- Sim senhora.

M- Onze por cento também fica aqui com a empresa, é pro INSS. Durante os doze primeiros meses você terá que pagar o seu treinamento que começa hoje. Isso corresponde geralmente a 22% do arrecadado, se você for um guardador muito competente.

G- E se eu não for muito competente?

M- Aí você está no ramo errado.

G- Não senhora, eu sei que eu sou bom!

M- Isso só o tempo dirá. Não são permitidos atrasos. Faltas nem pensar a não ser no enterro da tua mãe, e lembre-se: (*maligna.*) Só se mata a mãe uma vez.

G- Sim senhora, eu vou me lembrar disso.

M- Vistam-no. Muito branco ele, vê se dá um jeito de dar uma escurecida nessa pele.

G- Eu posso ir mais a praia nos domingos.

M- Domingos são segundas para nós que protegemos o bem alheio. O que você precisa é de sujeira, talvez um pouco de piche. Agora sim! Agora muito melhor! Assine aqui.

G- Perdi cinco dentes. Se soubesse teria vindo aqui desde o começo.

M- Não vai precisar mais desses dentes. Uma boa banguela impõe respeito, evita calotes. Boa sorte e vai com Deus. (*Sai.*)

G- Muito obrigado, senhora. Muito obrigado.

OS FILHOS

Thalita, a filha do meio, no psicanalista.

Psicanalista (*paternal.*)- Então você levou uma livrada na cara, foi isso?

Thalita- É... foi. Eu estava saindo da universidade e de repente ouvi um grito tipo: “cuidado aí em baixo!” Olhei pra cima e o livro caiu na minha cara, dizem que foi do décimo andar. Só acordei no dia seguinte e a primeira coisa que me veio na cabeça

foi o rosto desse homem. Só pensava nesse homem. Imediatamente comecei a querer ler o livro que me atingiu, ler a obra desse homem!

P (*Lendo uma anotação.*)- Do tal do Bertold Brecht. Brecht é com “X”?

T- Por favor, não vamos mais falar o nome! Porque quando eu ouço ele fica ecoando na minha cabeça como um sino enorme.

P- Pode deixar. Não falo mais. Me desculpe, Thalita.

T- (*Sinistra.*) Um sino do tamanho de um homem.

P- (*Sabido.*) Um sino é um sino, um homem é um homem.

T- Então comprei tudo que achava dele por aí, as obras completas, poesias, as biografias todas. Li tudo que tinha a meu alcance em pouco mais de um mês. Não pensava em mais nada.

P- Que coisa... Sabia que eu sou seu fã?

F- Oi???

P- Adorei você naquela novela, acho que era das sete, qual era mesmo o nome?

T- Era das seis.

P- Você era pequena ainda, mas já era um sucesso.

T- Comecei cedo. Podemos voltar ao livro?

P- O livro? Ah! Aquele.

T- Doutor, eu preciso da sua... eu vim aqui porque preciso de ajuda.

P- Me desculpe, é que eu realmente admiro o seu talento. Você nasceu para a tevê.

T- Pois então, o livro...

P (*Sempre anotando num caderninho.*)- Um livro aparece do nada, quase uma bala perdida.

T- E me acertou em cheio.

P- Pesado?

T- Perdão?

P- O livro era pesado?

T- Um pouco, caiu de muito alto.

P- E ficou marca?

T- No dia seguinte fiquei com um galo na testa.

P- Há três meses atrás.

T- Era o teatro completo, volume número 3, 2.^a edição, da editora PAZ E TERRA

P- Que intrigante! E era em português?

T- Sim. Ele está aqui comigo. Eu trouxe para o senhor dar uma olhada.

P- Mas o rosto dos tradutores das peças não surgiu na sua cabeça?

T- Não. Só o dele. A maldição do rosto dele me obrigando a ler coisas que eu não queria.

P- Que estranho!

T- Pois é...

Pausa

P (*Sorrindo encantado.*)- Minha nossa!

T- O quê?

P- Você aqui assim no meu consultório... Depois você dá um autógrafo pra minha filha?

T- Doutor, por favor!

P- Eu nunca tinha consultado uma atriz antes, quer dizer, não uma de verdade, só aquelas de animação de festa. Sabe essas que se vestem de cachorrinho, borboleta...

T (*Impaciente.*)- Me disseram que o senhor era ótimo.

P- Mas quando é que você vai fazer novela de novo?

T- Eu não consigo decorar as falas, tá me entendendo? Fui fazer um teste pro papel da minha vida e que vergonha imensa, meu Deus! Na frente de todos, do diretor, da equipe, das minhas concorrentes. Quando abri a boca só saiam as palavras escritas do outro.

P- Do outro?

T (*Alterada.*)- De Brecht!!! Da minha boca saiam as palavras de Brecht!!! Eu odeio teatro político, tá me ouvindo? Eu odeio teatro! Eu quero que os teatros se explodam! Eu quero que Brecht morra!!!

P (*Chocado.*)- Não fala assim, coitado!

T- Não adianta. Eu posso falar o quanto eu quiser. Ele já está morto. (*Soturna.*) Brecht morreu.

P- Puxa... que pena.

T- Aquele era o papel da minha vida. Todos me olharam assustados como se eu fizesse de propósito! Como se eu fosse uma... sei lá... uma comunista!

P- Isso não pode ficar assim! Como é que vão ficar seus fãs?

T- E eu, doutor? E eu?

P- Eu vou te ajudar, minha filha, eu vou curar você!

T- Só posso estar ficando louca. As vezes parece tudo tão quieto, os sons vão todos sumindo... como se tudo ficasse muito lento... o tempo vai se esticando e do fundo da minha cabeça vem uma música numa língua estranha... e de repente...

A luz muda drasticamente, Thalita está tendo uma alucinação. O Psicanalista começa a cantar em alemão a Moritat de Mac Navalha. Num canto se vê a silhueta do Faxineira como um mau agouro.

T- (*Muito calma.*) Será que eu sou louca?

De sua silhueta fantasmagórica, o faxineira canta uma estrofe da Moritat de Mac Navalha em português. Trevas. Casa da Mãe, Pamela e os dois empregados. Um deles filma Pamela com uma câmera enorme e o outro a ajuda com o microfone e alguns objetos demonstrativos.

Pamela- Apesar de muito nova, sempre fui muito esperta, e durante toda a minha infância e adolescência, atentei para o fato do desperdício de comida! Sempre, meus caros senhores, sempre restava em meu prato, vamos dizer que pelo menos uns vinte grãos de arroz e dez de feijão, por aí, além de outros pequenos restos que eu desperdiçava atirando-os ao lixo. Muito mais tarde vim a perceber que alguns mendigos remexiam lixões a procura de quê? Eu me perguntava, o que eles procuram nesse lugar fedido, meu Deus? E não é que eles procuravam aqueles grãozinhos que eu havia jogado fora! (*Muito orgulhosa.*) Então eu criei, com o auxílio financeiro da minha querida mãe, a campanha humanitária “doe seu grãozinho a quem precisa”, e é muito simples. Em vez de raspar o prato na lixeira, reserve esses grãozinhos extras num saquinho plástico destinado apenas para esse fim e mande pra gente! Eu dou minha palavra que esses grãozinhos restantes chegarão a quem precisa sem que essas pobres almas tenham que separar a sua comidinha do lixo comum, restos de plástico, papel, processo este que gasta um tempo precioso e que acaba, por nossos lixões não terem a refrigeração apropriada, estragando o alimento. Doe seu grãozinho para quem precisa! Afinal, é de grão em grão que a gente muda o Brasil! (*Para o empregado que está gravando.*) Pronto. Pode parar de gravar... Como é bom fazer o bem! Me deixa com o coração mais leve!.. Tá gravando ainda! Para de gravar! Eu tô vendo a luzinha vermelha daqui! Se quebrar eu vou ser obrigada a descontar do teu salário. heim! Desliga essa porra! Desliga!!! Merda! Agora vou ter que editar!!!

Astolfo (*Entrando.*)- Não param de tocar o interfone! Tem uns gringos lá embaixo dizendo que são amigos teus.

P- Chegaram já!

A (*Para os empregados.*)- Querem fazer o favor de abrir a porta? Vocês são pagos pra quê?

P (*Se referindo aos empregados.*)- Quer dar a licença que eu estou usando agora!

A- E quem abre a porta então?

P- Abre você! Vocês usam a vontade mas quando é a minha vez é este inferno!

A- Vão abrir a porta!

P- Não se movam!!!

A- A porta!!!

P- Quem der um passo! Eu estou avisando!

A- São surdos? É pra abrir a porta!

P- Eu boto vocês no olho da rua!

A- Eu é que boto no olho da rua!

P- Eu é que boto!

A- Eu!

P- Eu! Eu! Eu! Eu! Eu!

A- Eu. Eu. Eu. Eu. Eu. Eu.

P (*Transtornada.*)- Eu vou te matar!!!

A- Não precisa chorar, ô retardada. Fica com eles aí pra você então. Mas os seus amiguinhos vão ficar esperando na rua.

P- É verdade! Vão abrir a porta logo! (*Sai arrastando os empregados.*)

M (*Entrando ensandecida.*)- Por que raios esse interfone toca que não pára??? Alguém pelo amor de Deus!

A- São os amigos da Pamela.

M- Amigos da Pamela? Que amigos da Pamela? A Pamela tem amigos?

A- São uns gringos.

M- Que gringos? Que gringos? Quem são esses gringos amigos da Pamela?

A- Eu é que vou saber?

M- Mas você conhece? Você já viu esses amigos da Pamela gringos?

A- Vamos parar de gritar no meu ouvido? Me deixa!

M- Tá de mau humor? Acordou de mau humor?

A- Sai daqui, me deixa em paz.

M- Como sai daqui? Você tá na minha casa, rapazinho!

A- Vai ver se eu tô na esquina!

M- Astolfo, pára! Pára com isso!

A- Que inferno!

M- Você bebeu ontem de novo?

A- Tem mais o que fazer não?

M- Bebeu! Eu tenho certeza! Eu vi quando você chegou!

A- Vou pra praia.

M- Não vai não!

A- Eu vou pra praia.

M- Não vai não senhor!

A- Preciso de um banho.

M- Espera! Eu sinto daqui! Daqui de onde eu estou. (*Chega mais perto dele. Cheira o rosto do filho.*) Sinto o cheiro do teu bafo de cerveja. Sinto o fedor de cigarro nos teus cabelos. (*Aspira mais fundo.*) O que é isso? (*Fareja mais uma vez.*) Que vadia você levou pra cama desta vez?

A- Me larga!

M- Eu não vou mais concertar os teus erros desta vez, Astolfo! Aquela suburbana foi a última! Tô com ela aqui entalada na minha garganta. O dinheiro que eu perdi com aquela vaca! E você continua bebendo sabendo que não pode! Quantos netos

bastardos eu vou ter que mandar abortar até você tomar juízo? Quantas grávidas eu vou ter que empurrar da escada? Quer fazer o favor de olhar na minha cara?

A- Me larga!

M- Eu te proíbo! Tá me ouvindo? Se tocar numa gota de álcool...

A- Eu vou pra praia.

M- Uma pinóia que vai.

Pamela entra com os Alemães. A3 parece estar grávida.

P - Olá mamãe! Esses são os meus amigos!

A1- Olá.

A2- Oi.

A3- Como vai a senhora?

M- Passou com eles no detector de metais?

P- Er... passei!

M- Revistaram?

P- Er... Sim, senhora.

M- E o raio X que instalaram semana passada? Passou com eles no raio X??? No raio X você não passou!

P- Mas ela não pode mamãe. Ela está grávida.

M (*Desconfiada.*)- Ah, é? De quantos meses?

P- Mamãe, eles são alemães, não favelados.

M- É. Pode ser. Precaução nunca é demais.

A3 (*Sorridente.*)- Você está tão fodida, sua vaca metida. A senhora nem imagina o que te espera.

M- Oi? O que ela disse?

P- Sei lá! Acho que te cumprimentou.

A3 (*To Pamela.*)- Does she speak english?

P- Oh, no. Just me and my brothers. Hey Astolfo. Come here and say hello to my friends. (*Astolfo sai muito mal humorado sem olhar para eles.*) Don't mind him.

A1- Que família simpática e bem educada.

A2- Tá com cara de que vai ser divertido.

A3- Estamos a trabalho e não diversão. Faça o favor de se concentrar no trabalho.

A2- Olha quem fala.

A3- Olha quem fala o quê?

A2- Cada um sabe do seu.

A1- Quer parar de irritá-la? Ela está grávida, afinal de contas.

A2- Sei. Claro.

A3 (*Ruborizada.*)- Obrigada.

A1 (*Galanteador.*)- Não há de quê.

M- Que língua mais esquisita.

A3- Eu gostaria, se vocês não se importarem, de matar a mãezinha.

A1- Nossa única função aqui, por enquanto, é proteger o chefe.

A2- Ouviu, querida?

A1- Mas se for necessário matar a mulher, ela é toda sua.

A2- Você só faz as vontades dela!

A1- Abaixa esse tom que eles vão desconfiar.

A2 (*Sorrindo, com uma cara de tola.*)- Você só faz as vontades dela.

M (*Para Pamela*)- Onde você conheceu essas pessoas?

P- Er... na praia! Foi na praia. São turistas.

Thalita (*entrando*)- Boa tarde.

M- Oi, minha filha! Minha filha! Como você está?

T- Péssima.

P (*levemente ressentida.*)- Oi Thalita. Tudo bem?

T- Oi Pamela.

P (*Orgulhosa.*)- Eu trouxe uns amigos hoje. São esses. São meus amigos.

T- Sei... Olá, amigos da Pamela. (*Os alemães acenam para ela em resposta.*)

M- Eu estou tão preocupada com você minha filha.

A2- Se precisar matar essa aí eu quero pra mim então, já que a Marie escolheu a dela.

A3- Parece criança. Nunca vi.

T (*olha assustada para A2.*)- O que ela disse?

P- Ela falou “Muito prazer”

A2 (*Para Thalita, muito educadamente.*)- Eu adoraria matá-la, senhorita.

T - Matar? Você quer me matar? Ela disse que quer me matar!

P- O quê?

A2- Não! Eu não disse matar! Você fala alemão? Eu disse flertar. Você fala alemão?

P- Ela é louca! Ela não fala alemão!

T- Vocês são alemães, não são? Como ele!

M- Ele quem?

P- Isso é coisa da tua cabeça! Para de me envergonhar na frente dos meus amigos!

T- Mas eu escutei e entendi...

P- Você sabe alemão por acaso? Já estudou?

T- Mas quando eles falaram... falem de novo, por favor.

P- Agora sou eu que vai falar! Todo mundo anda fingindo que tá tudo bem, mas não tá coisa nenhuma! Você é uma maluca! Escuta! Eu tenho vergonha de você!

M- Cala a boca, Pamela!

P- Maluca! Doida varrida! Tão me apontando na rua, lá vai a irmã da maluca!

T- Eu não sou maluca! Eu ouvi essa moça aí, tua amiga, ela olhou pra mim e disse que ia...

P- Disse uma pinóia! Não vou deixar que desta vez você faça chacota de mim na frente dos meus amigos como sempre fez.

M- Pamela, eu disse pra você calar a boca!

P- Cala a boca você, mamãe, que sempre ficou do lado dela! Toma, Thalita. Eu trouxe um presentinho pras duas. Parece que você é capa de revista novamente, irmãzinha, pela quinta vez, não é mesmo? Mas desta vez é uma matéria toda especial...

T- Eu só quero conversar com eles um instante, deixa eles falarem.

P- Vai conversar com os teus amigos, se é que sobrou algum que te ature, por que esses já são meus. Eu vou pro meu quarto com os meus amigos.

M- Cala essa boca!

P (*Saindo.*)- Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu. (*Sai com os alemães.*)

M- Filha...

T- Me desculpe, mãe. (*Lê a capa da revista.*) “A insanidade de uma estrela, Thalita, doida ou revolucionária? Sua mãe revela ascensão e queda da filha!” O que é isso?

M (*Sonsa.*)- Oi? Isso o quê?

T- Você deu entrevista pra falar da minha vida?

M- Ah, isso? Eles ligaram perguntando e eu... bem... achei que podia te ajudar de alguma forma...

T (*Lendo dentro da revista.*)- “Minha filha precisa de sucesso, logo ela para com essa frescura.”

M- E faz tanto tempo que você não sai na imprensa...

T- “Thalita é virgem e vai casar de véu e grinalda.”

M- Eu achei que seria bom pra a sua retomada na tevê...

T- “Ela não está aceitando trabalhos por que quer ir a Nova York dar uma arejada.”

M- É sempre bom estar com o nome circulando na mídia...

T- “Quem será o misterioso Bertoldo por quem Thalita está perdidamente apaixonada? - Pergunta a zelosa mãe”.

M- Eu não sabia que eles iam botar isso.

T- Você estampou a cara da tua filha nessa revista horrorosa!

M- Você tá precisando mostrar mais a cara sim senhora. Vou botar a tua cara onde for preciso.

T- Como você pode fazer isso comigo! Você sabe o que eu estou passando?

M- Não sei. Não entendo. Não concordo. Pra mim isso é frescura.

T- Frescura???

M- Ou é frescura ou é filho! Eu encontrei a tua cartinha de amor, querida. Tá aqui comigo! Quem é esse Bertoldo? Foi por ele que você terminou o teu noivado? É ele que te fez ficar assim? Você nunca me falou desse rapaz. É o quê esse moço? É traficante? É traficante ele? Te engravidou? Você tá grávida deste homem, minha filha?

T- Não!

M- Quando eu era muito pobre, antes de conhecer teu pai, eu fui numa cigana e ela me disse que a minha filha, ouve, fico toda arrepiada só de lembrar, ela me olhou nos meus olhos e me falou: Tua filha vai engravidar de um traficante.

T- Eu não estou grávida.

M- Filha, a gente aborta! Pronto! Não precisa ficar histérica, jogar fora a tua carreira! Eu tenho uns amigos, gente finíssima, a mamãe dá um jeito, pode deixar! Fui sempre eu que concertei sozinha os erros do teu pai, que Deus o tenha, e todos os erros do teu irmão que não são poucos. Eu tenho tudo sob controle, meu anjo. Eu te prometo. A mamãe resolve, tá.

T (*Grita enlouquecida.*)- Eu não estou grávida!!!

M- Nossa! Mas todo mundo grita comigo nessa casa!

T- Eu não estou grávida.

M- Então por quê, meu Deus do céu? Porquê? Você está jogando tudo! Tudo que eu lutei por tanto tempo pra que você conquistasse! Fiz tudo que eu pude, eu estou exausta, e agora que você é conhecida, agora você é famosa! E me joga tudo pela janela, me olha com essa cara deslavada, o que você quer que eu faça? Eu investi na tua carreira! Eu paguei pra você ter um nome! Eu me sacrifiquei e mereço uma explicação plausível.

T- Eu tenho muita vergonha! Não sei o que está acontecendo comigo!

M- É melhor descobrir logo.

T- Fui num psiquiatra hoje.

M- Senão eu vou ser obrigada a cortar tudo. As aulas de jazz, canto, fonoaudióloga, sapateado, cancelo teus cartões de crédito...

T- Mas o quê é isso?

M- Até você botar a tua cabeça no lugar.

T- Você não pode fazer isso comigo!

M- Ah, não posso? Com o meu dinheiro eu faço o que eu quiser. *(Entra um dos empregados e sussurra algo no ouvido da Mãe.)* Manda entrar então, mas passa com ela no raio X.

T- Você vai ver só uma coisa.

M- Não vou ver coisa nenhuma. Vai pro teu quarto.

T *(Segurando a cabeça.)*- Eu preciso de um whisky. *(Thalita sai.)*

A FAXINEIRA

A mãe aguarda pela faxineira, esta chega escoltada pelos empregados. Quando a mãe a vê, leva um susto.

M- Minha nossa senhora!!!

F- Boa tarde, madame.

M- O quê que é isso, meu Deus? *(Gira em torno da faxineira examinando-a.)*

F- Eu trouxe minhas referências.

M- Fica calada. Só fala quando eu mandar. *(Para o empregado.)* Telefone! *(Este entrega o aparelho à Mãe. Ela disca.)* Oi. Me mandaram uma faxineira. Eu pedi uma faxineira aí pra empresa de vocês mas deve ter ocorrido algum engano... Não foi isso o que eu pedi... Me mandaram uma negra. Eu especifiquei a cor que eu queria, faxineira branca... É um erro terrível... Não querida, o erro foi de vocês... Não é por racismo, meu amorzinho, veja bem, é que todos os meus empregados são brancos, é para criar uma unidade, sabe... Quero que troque hoje... Como hoje não tem? Que amorismo é esse? Com quem falo? Qual é o seu nome, ô sua grossa? Olha só, primeiro, vai gritar com a tua mãe, já não agüento mais grito hoje, e outra coisa! Escuta! Alô?... Alô??? Desligou na minha cara!!! Piranha!!!

F- Madame...

M- Sai daqui, ô fedida! Some da minha vista!

F- Mas madame!

M- Não quero mais ver essa tua cara na minha frente! Desaparece!

F- Madame, por favor!

M- Quer calar essa boca? Você fala quando eu mandar! E vê se me obedece e some de uma vez!

F- Eu não tenho para onde ir, madame!

M- Eu não quero ouvir a tua voz!

F- Me dê uma chance, por favor!

M- Você quer sair daqui arrastada?

F (*Se ajoelha.*)- Só hoje! Me deixe limpar sua casa apenas hoje!

M- Levante-se imediatamente!

F- Não precisa me pagar se a casa não ficar linda.

(*Pausa.*)

M- Como é?

F- Me dê um dia e a madame não vai se arrepender.

M- E se eu disser que não gostei, não preciso pagar nada?

F- Não senhora.

M-“Não senhora, não preciso pagar nada” ou “não senhora, terei de pagar”?

F- Não senhora, não precisa pagar se não gostar da faxina.

M- Eu não sei...

F- Me deixe mostrar do que sou capaz. Por favor. Tem a minha palavra que não paga nada se não estiver do teu agrado.

M- Então tá. Tudo bem. Assim a gente até faz um esforço. Mas olha, só desta vez. Você faxina a casa hoje e vamos ver se você recebe, mas é hoje só, por que preto na minha casa não combina, entende? Não é racismo não, viu minha filha, é que você, eu tenho que ser sincera contigo, você é feia demais pra ficar transitando por aqui, muito feia mesmo, não dá pra fazer vista grossa.

F- Me desculpe, madame.

M- Eu te perdôo por hoje. Começa ali pelo banheiro do Astolfinho que tá todo vomitado. Passou mal ontem o meu filho, tadinho. Esse menino não pode beber, sabe, mas não me ouve.

F- Sim, madame, e muito obrigada. (*Sai.*)

M- Uma faxina de graça! Nada mal. (*Entra Astolfo.*) Aonde o senhor pensa que vai?

A- Vou para a praia.

M- Uma ova! Tão os três de castigo! Ninguém sai dessa casa hoje.

A- Puta merda.

M- Vai pro seu quarto, boca suja!

Banheiro de Astolfo, a Faxineira está ajoelhada esfregando o chão. Astolfo entra.

A- Levanta.

F- Oi?

A- Levanta. De pé. Deixa eu dar uma boa olhada em você. (*Ela levanta.*) Tu é a nova faxineira?

F- Só por hoje, senhor.

A (*Olha admirado para o rosto da Faxineira.*)- Porra, mas tu é feia, heim! Entrou na fila duas vezes? E magrela desse jeito. Tu não come não, bonita?

F- Como, sim senhor.

A- Deve ser magra de ruim mesmo. Escuta. Vim te avisar. Tem quinhentos dólares na fronha do meu travesseiro, cinco notas de cem. Sempre durmo com eles ali na minha orelha, me trazem bons sonhos. Eles tão bem ali. Você troca a fronha e bota eles no mesmo lugar.

F- Sim senhor.

A- Você já viu uma nota de cem dólares? Não vale mentir.

F- Não senhor.

A- Quer ver meus quinhentos dólares? Quer que eu traga aqui pra você segurar?

F- Não senhor.

A- E um dólar? Quer um dólar pra você? Eu tenho muitos desses... Fala, mulher. Quer esse aqui pra você?

F- ... Não senhor.

A- E três dólares? Ah! Três dólares você quer!

F- Não senhor.

A- Quer cinco? Eu posso te dar cinco.

F- Não senhor.

A- Espertinha. Eu não ia te dar nada mesmo. Vê se eu tenho cara de quem rasga dinheiro. Pode voltar a limpar o chão agora... Droga. Não tem nada pra se fazer nessa casa. *(A faxineira volta a limpar o chão. Thalita entra de toalha na cabeça.)*

T- Você pegou meu secador de cabelo?

A- E aí, maluca! Sabe quem eu encontrei ontem?

T- O meu secador de cabelo?

A- Aquele babaca do teu noivo que te largou.

T- E daí?

A- Queria saber de você. Aí eu falei: Engordou.

T- Onde está, Astolfo, o secador?

A- Ele disse: “A Thalita era pra ser uma estrela. Tinha tudo. Mas, enfim.” Aí eu falei: “E além de louca ficou gorda também.”

T- Você não tem mais o que fazer não?

A- Não. Aí ele disse: “Eu não podia comprometer a minha carreira, você entende?” Aí eu falei: “E a sua segurança também. Trepar com aquela baleia é risco de vida.” *(Ri de si mesmo.)*

T- Eu não sou gorda.

A- Aí ele disse. “Essa não é a Thalita que eu conheci. Essa é uma pobre coitada. E pensar que eu comprei uma casa pra nós dois. Era uma surpresa pra ela.” Eu falei: “Não importa, é sempre bom ter um imóvel.”

T *(Esconde o rosto. Não quer chorar.)*- Não importa.

A- Já te apresentei a nova doméstica? Levanta mulher.

T- Não se incomode. Não dê ouvidos ao meu irmão.

A- É melhor ela dar ouvidos, senão, ai dela!

T *(Olhando melhor para a faxineira.)*- Espera! Eu não te conheço???

Luzes. Astolfo está paralisado no tempo. Na alucinação de Thalita, a Faxineira canta a música “Jenny-Pirata”. Quando a música acaba e tudo volta ao normal, a Faxineira não mostra indício de saber o que se passou.

T- Você é uma assassina?

F- O quê?

T- Você é uma assassina?

A- Cala essa boca, Thalita. Não na frente dos empregados.

T- Eu já vi o seu rosto antes!

F (*Muito nervosa.*)- Não é possível.

T- Você já matou alguém?

A- Você tá passando dos limites, garota! Tirar uma com a empregada tudo bem, mas isso que você está fazendo é desumano. Que constrangedor!

T- Olha para mim. Qual é o seu nome?

F- Eu...?

A- Não liga pra ela que é uma doida varrida. Ignora.

T- É que eu pensei...

A- Vai acabar no pinel.

F- Com licença. Eu já terminei aqui.

A- Vai. Some. (*A Faxineira sai.*)

T- Talvez você esteja certo. Que vergonha.

A- Sua doida. A próxima vez que você fizer isso na frente de estranhos... (*Um dos empregados entra com um enorme copo de whisky numa bandeja e o entrega a Thalita.*)

T- Obrigada. (*O empregado sai. Ela dá uma boa golada.*)

A- O quê é isso? Guaraná?

(*Pausa.*)

T (*Perversa.*)- Quer um gole?

A (*Aproxima-se. Cheira o copo. Sôfrego.*)- É Whisky!

T- Quer esse copo pra você? Eu pego outro.

A- Eu não posso.

T- Fica. Toma. Te dou. (*Obriga-o a segurar o copo.*)

A.- Não posso beber. Tô de ressaca.

T- Imagina, que bobagem.

A- A mãe disse que eu não devo.

T- Bebe um gole.

A- Acho que não quero.

T- Então tá. (*Pega o copo da mão dele e toma mais um gole.*) Mmm! Delícia! Como pode ser tão bom?

A- Talvez só um pouco então.

T- Acho melhor não.

A- É... melhor não.

T- Toma, querido, brincadeirinha. (*Entrega-lhe o copo. Ele olha aflito e depois bebe.*) Vou buscar uma garrafa pra gente. (*Thalita sai. Astolfo vira o copo. A Faxineira entra.*)

F- Me desculpe senhor, acho que esqueci um pano aqui.

A- Você voltou!

F- Já estou saindo, senhor.

A- Não! Fique!

F- Mas, senhor...

A- Fique! Fique! (*Segura-a pela mão.*)

F- Senhor, eu preciso...

A- Meu nome é Astolfo.

F- Eu sei, senhor.

A- Que olhos tristes. (*Acaricia o rosto da faxineira.*) E uma pele tão suave.

F- Por favor.

A- Você tá nervosa, minha morena? Relaxa!

F- Me solta, senhor!

A- Deixa eu sentir o cheiro da tua pele.

F- Por favor!

A- Você não gosta de mim?

F- Eu vou gritar!

A- Grita, negra selvagem! Eu vou fazer você gritar de prazer!

F- Larga!!! (*Chega Thalita com a garrafa de bebida.*)

T- Astolfo! O que é isso? (*Ele deixa a Faxineira escapar e esta sai correndo.*)

A- Você deixou ela escapar!

T (*Mostra a garrafa.*)- Mais um pouco?

A- Me dá.

T- Como é que se pede?

A- Por favor! Por favor! Por favor!

T- De joelhos.

A (*Ajoelhado nos pés dela.*)- Por favor, irmãzinha linda.

T- Linda? Não sei. Você disse que eu tô gorda.

A- Linda! Você é linda, irmãzinha! Eu te amo! Mulher linda!

T- Toma. (*entrega a garrafa.*) Bebe tudo, meu amor.

A BATALHA

Na sala da Mãe, a Mãe entra acompanhada e seus empregados, a Faxineira esfrega o chão.

M- Já está anoitecendo.

F- Sim, senhora.

M- Suponho que você já esteja terminando o seu serviço.

F- É verdade, senhora. O sol já está se pondo. Logo tudo estará terminado. Mais cedo do que a madame imagina.

M- E suponho também que você já deva ter limpado o meu quarto.

F- O seu quarto foi um dos que mais me empenhei.

M- E a senhorita pode me dizer o que é isto aqui? (*Mostra grãos de feijão na mão.*)

F- Feijão?

M- E o que esses grãos de feijão faziam debaixo da minha cômoda?

F- Não sei, madame! Não tenho idéia de como eles foram parar lá.

M- Esse punhado de feijões é um alerta! Fui eu mesma que os coloquei debaixo da minha cômoda e do criado-mudo, hoje de manhã, e agora são eles que me avisam que esta tua faxina é uma bela duma porcaria.

F- Mas, madame!

M- Quieta! Jesus! Como é que pode! Trocando em miúdos, você está despedida! Ouviu bem? E eu não pago um tostão furado por essa faxina porca que você fez na minha casa. Como combinado, você lembra, foi você que disse que eu não precisava pagar um centavo se não gostasse. Pois não gosto e pronto! Odiei! Porca! Suma da minha casa.

Ouvem-se sete badaladas

F- Você está ouvindo? É o som que anuncia a minha vingança. É o relógio que marca o fim do teu sorriso amarelo.

M- É chegada a hora de você rastejar de volta pra choupana de onde veio.

F- Pelo contrário. É a hora da gentinha vir aqui na tua casa enlamear o teu tapete. São sete horas da noite e o Rio de Janeiro agora é meu! HAHAHA!!!

M (*Olha para a faxineira, perplexa a princípio, depois cai na gargalhada.*) HAHAHA!!! Como é que é? HAHAHA!!! Ai, meu Deus!!! HAHAHA! Eu nunca tinha visto uma coisinha dessas!!! HAHAHA!!! Ai, que dor, eu não estou agüentando!!!

F- Ria bastante! Eu quero ouvir bastante a tua risada.

M- Gente! A Faxineira deu uma surtada!!! HAHAHA!!! Meu Deus do céu, um copo d'água!

F- Hoje a cidade é minha. As tuas ruas serão bombardeadas e muitos morrerão pela minha mão sem ver meu rosto, sem saber quem eu sou.

M- E quem é você, ô sirigaita! Quem você pensa que é?

F- Eu sou o teu novo patrão. Todos os chefes obedecem a mim. Eu falei que queria a cidade num caos pra vir até aqui te fazer essa visita. Eles me falaram, o senhor entra na casa da mulher disfarçado, espera lá dentro da casa dela até anoitecer, por que às sete, quando der sete da noite, a cidade inteira vai virar um inferno, nossos soldados vão descer dos morros e o senhor vai poder dialogar com a mulher sem nenhuma interferência externa.

M- Fora da minha casa. Minha paciência já se esgotou. Já me bastam as maluquices da minha filha. Agora, você que nem da família é e ainda por cima preta...

F- Madame quer dizer preto. Isto é apenas um disfarce.

M- A polícia! Chamem a polícia e tirem essa preta de perto de mim!

F- E inútil. Você não ouve as explosões ao longe? A cidade está sendo bombardeada para podermos conversar em paz. A polícia não vai fazer a indelicadeza de nos incomodar.

M- Polícia!!! Alguém liga para a polícia!!!

Com os gritos da Mãe, entram em cena Pamela com seus três amigos alemães, Thalita e Astolfo com uma garrafa de whisky. O Faxineira às gargalhadas.

T- O que está acontecendo???

M- É essa doida dessa empregada que eu quero fora da minha casa já!

P- Mas mamãe! O que houve? Fala comigo!

M- Cala a boca, Pamela! Não me irrita ainda mais!

A- Deixa que eu falo com ela! *(Para a Faxineira.)* Ô gata, tá nervosa? Ficou nervosa de repente?

M- Não se aproxime dela, Astolfo! Eu já estou chamando a polícia! Telefone! *(O empregado entrega um telefone à Mãe. Ela disca.)* Está ocupado.

F- Eu já disse que é inútil.

M- Então todo mundo junto, vamos arrastar essa mulher pra fora daqui!

F- Vocês acham que eu viria sozinho e desprotegido? Eu trouxe os meus soldados comigo. Atenção! As armas!!! *(Os alemães se colocam do lado do Faxineira-Rei. Da falsa barriga de grávida de A3 saem diversas pistolas e rifles. Os quatro se armam e apontam as armas para a família da Mãe.)*

T- Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

A *(Despreocupado.)*- Os gringos tão armados.

T- Eu estava certa!

M *(Histérica.)*- Não passaram com esses criminosos no Raio X!!!

F- E agora, querida? Podemos conversar civilizadamente?

M- Eu não consigo ligar para a polícia! Tenta você! *(Entrega o telefone para o empregado. O faxineira dá um tiro em cada empregado. Eles caem mortos.)*

F- Comecei a faxina. Vamos ver como você se vira sem os teus tentáculos.

Tudo se paralisa. Thalita está tendo uma alucinação. Ouvem-se explosões ao longe. Os empregados mortos cantam a música “De que vive o homem” e saem. Quando tudo volta ao normal...

M- Pegue tudo o que quiser, moça, mas vá embora.

F- Eu não vou embora agora. Eu fico.

M- Pegue tudo o que há de valor. Eu nem vou dar queixa.

F- Não é assim que se trata uma visita.

M- Você não é visita. Visitas sabem se comportar. Visitas não saem matando assim os empregados dos outros desse jeito! Com que direito? Como é que eu arranjo outros dois iguais a estes?

T- Mãe, calma.

F- Você não acredita que essa cidade me pertence? Que a vida dos teus filhos me pertence também?

M- Acredito no que a senhorita quiser que eu acredite, desde que vá embora o quanto antes.

F (*Extasiado.*)- A vista daqui da tua janela é linda! Olhe ali as pessoas correndo na praia, pelas ruas. Alguns tentam fugir pelo mar. Você ouve os tiros daí onde você está? Olha que lindo. Os riscos vermelhos pelo céu. Como alguém pode não achar bonito um tiro de rifle? (*Muito calmo.*) Hoje as crianças da Zona Sul serão seqüestradas ou mortas. Os shoppings vão pegar fogo de cima a baixo. As escolas, apedrejadas. Mande instalar cinco bombas no Palácio da Guanabara. Os hospitais abarrotados desmoronarão na cabeça dos da tua laia. E eu em cima dos entulhos com os braços sentindo o vento do mar. Eu adoro o mar.

A- Eu também adoro o mar! Eu queria tanto ir a praia.

F- A água deve estar ótima.

T (*Para o irmão.*)- Fica quieto!

M- Minha Virgem Maria! O que você quer de nós? Eu não estou passando bem! (*É amparada pelas filhas.*)

A2- Até que enfim um pouco de ação!

A1 (Para A3)- Aliás, você é muito boa nisso. Estou surpreso.

A3- Obrigada.

A2- Como assim?

A1- Engana qualquer um, parecia uma grávida de verdade. Você é tão compenetrada. E a rapidez com que você sacou as armas!

A3- Ora, obrigada.

A2- E eu? Eu não estive bem?

A1- Você já foi atriz?

A3- Fiz um curso uma vez. Mas acabei tendo que optar. Não dá para ser atriz e mercenária.

A1- Sabia! Você leva jeito.

A2- Ai, que tédio!

M (*Olhando assustadíssima para os alemães.*)- O que foi que eles querem?

F- Gostou dos meus mercenários alemães? São ótimos eles, não?

A- Ótimos os seus mercenários. Eu gostei muito desta aqui. (*Para A3.*) Olá! Hello!

A3- Hi.

A- How are you, sexy?

A3- I'm... I'm fine, thanks.

A2- Ele gostou de você!

A1- Stand back! Keep away if you don't wanna get shot.

A- Ok...

T- Excuse my brother, he is just a bit drunk.

F (*Da suposta janela, para a Mãe.*)- Venha até aqui.

M- Olha moça, me desculpa qualquer coisa.

F (*Mais forte.*)- Venha onde eu estou.

M (*Caminha lentamente na direção do Faxineira.*)- Eu não sei se você ficou chateada com alguma coisa que eu disse, mas essa não é a maneira de resolvermos nossas diferenças.

F- É essa a maneira. Me dê a mão. (*Ela dá a mão relutante.*) Está vendo o que você fez? Tanta gente levando tiro. E a madame aqui, bem confortável, na sua fortaleza de vidro. Eu podia te atirar lá embaixo com eles. Que tal? Quebrar o teu corpo contra a janela e ver você descendo os vinte andares que te separam das tuas vítimas, por que se eles estão morrendo não é culpa minha, veja bem. Isso é o que a madame me obrigou a fazer. A morte deles é fundamental para que a madame me leve a sério. E basta um empurrão, a senhora vai lá ter com eles. (*A Mãe desmaia.*) Madame? Xi! Desmaiou. (*Lança o corpo nos braços de Pamela. Para A3.*) Leve esses dois pro banheiro.(*Para Pamela.*) Você fica e vê se acorda a tua mãe. (*A3 sai com Thalita e Astolfo.*) Tá viva? Não me diga que morreu?

P (*Ajoelhada ao lado da Mãe.*)- Tá respirando, só desmaiou.

F- Preciso dela viva.

P- (*Levantando-se.*) Meu amor! Você foi perfeito! (*Abraça-o.*)

F- Acorda ela.

P- Amor! Me beija! Me beija na boca!

F- Agora não.

P- Obrigada! Você é fabuloso! O mestre dos disfarces! O dono do Rio de Janeiro! Gostoso!!!

F- Espera um pouquinho, minha filha.

P- Eu te amo! Diz que me ama!

F- Solta o meu braço e acorda ela.

P- Espera. Eu estive pensando. Bem, já que você está aqui. Por que não matamos mamãe?

F (*Surpreso.*)- Eu quero... Eu preciso dela viva.

P- Um tiro na cara da mamãe, depois os meus irmãos... e isso aqui é tudo meu.

F- Ela não vai morrer hoje.

P- Mas querido! Pensa bem. Não ia ser ótimo? Eu cuido dos negócios dela. (*Pausa.*) Não? Então nos joelhos. Dá dois tiros nos joelhos dela! Por favor? Querido? Amor? Amorzinho?

F- Não vai levar tiro nenhum. Cala essa boca.

P- Mas escuta! Eu estou te pedindo!

F- Chega! Não agüento mais ouvir a tua voz!

P- Mas amorzinho...?

F (*Segura ela pelo pescoço.*)- Fica quieta! Garota, fica quieta! Vamos calar essa boca agora?

P (*Abraça o Faxineira novamente. A Mãe vai despertando aos poucos e vê os dois.*)- Não vou falar mais, viu? Era brincadeira. Meu neguinho cheiroso. (*Beija o Faxineira mas ele não retribui.*)

M (*Estarrecida.*)- Que diabo está acontecendo na minha casa?

P (*Assustada.*)- Mamãe???

M (*Louca.*)- Sapatão!!! Sapatão!!!

P- Mãe, não é nada disso!

M- Eu criei uma sapatona! Você e essa doméstica assassina estão mancomunadas!

P- Ele é muito homem, fique a senhora sabendo! Um homem como eu nunca tive igual. O uniforme de faxineira é só um disfarce.

M- A faxineira é um homem?!?

F- Tua filha trouxe os soldados. Eu fingi ser a sua empregada e aguardei o momento certo para o acerto de contas.

P- Isso mesmo, querido! Tá na hora do acerto de contas!

F (Para Pamela.)- Sem gritar e vai pra junto dela.

M- Você seduziu minha filha pra invadir a minha casa?

P- Nós vamos nos casar! Ele me ama!

F (*Dá uma gargalhada.*)- Era só o que me faltava! Vai procurar a tua turma, moça. Olha só pra você. Tenha a santa paciência. Eu não vou me casar com ninguém. E não chega perto se não quiser tomar um teco. Vai ali pra junto da tua mãezinha.

P (*Pasma.*)- Mas amor? Sou eu!

F- Eu quem, Pamela? Quem é você? Quer que eu atire em você, é isso? É isso que você quer? Você tá me pedindo pra eu calar essa tua boca a tiro? Então fica quietinha ali do lado da tua mãe.

P- Você não pode fazer isso comigo!!! Não pode!!!

F- Ai, meu saco.

P- Você falou pra mim que queria que eu fosse a sua mulherzinha!!!

F- Não quero. Nunca quis mulherzinha nenhuma. Eu nem te conheço.

P- Eu fui usada!!!

F- Pra deixar de ser burra.

P- Eu estou grávida!!! Eu vou ter um filho teu!!!

(*Pausa.*)

M (*Trágica.*)- Eu sabia!!! A cigana estava certa!!! Minha filha está grávida de um traficante!!! Eu vou ter netos mulatos!!!

P- Você ouviu. Eu estou grávida de você.

F- Agora já não está mais.

P- Estou sim.

F- Não está nada. (*Atira na barriga de Pamela.*)

P (*Desfalecendo com a mão na barriga onde o tiro acertou.*)- Meu filho... Meu filho... Meu filho que tem os teu cabelos... Meu filho. (*Morre.*)

M- O quê você fez???

F- Chama-se aborto.

M- Você matou a minha filha e o teu.

F- Assim ficamos quites.

M (*Para o corpo da filha.*)- Traidora. (*Para o Faxineira.*) Que vergonha, não consigo chorar. Você me tirou a menos querida dos três.

F- Ah! Mas isso não pode ficar assim! Eu quero muito ver você chorar. (*Para A1.*) Vá buscar os outro dois. (*Para A2.*) E você, jogue o corpo dessa coitada pela varanda, vamos ver se faz barulho.

TRAIADORAS

Banheiro onde estão Astolfo, Thalita e A3. A3 anda de um lado para outro com a arma apontada para os irmãos. Estes estão sentados num canto. Foco no rosto de Thalita.

T- Quando ele morreu, fizeram um caixão de aço para ele, só que o engenheiro tinha esquecido de tomar as medidas. O caixão chegou antes do corpo e todos estavam preocupados se o corpo caberia adequadamente. Então, uma das muitas viúvas se encarregou de encontrar alguém por ali que tivesse a mesma estatura de Brecht para que este deitasse no caixão prateado e resolvesse o impasse. Alguém tem as medidas de Brecht? Alguém aqui tem a estatura de Bertold Brecht? Alguém? Quem é do tamanho de Bertold Brecht? Quem? Eu é que não. Alguém? (*Pausa.*) Eu não quero morrer hoje. Se eu morrer, ninguém fará um caixão de aço para mim.

A (*Sensual, para Thalita.*)- Meu braço, querida, você está machucando.

T- Nós vamos morrer.

A- Assim vai queimar o meu filme com a menina. (*Para ela.*) Oi! Tudo bem? (*Para a irmã.*) A gringa tá maluquinha por mim.

T- A cidade está sendo destruída.

A- Me larga, por favor.

T- Onde é que você vai?

A- Conversar ali com a moça.

T- Fique onde está!

A- Não precisa ter ciúme, irmãzinha, você está no meu coração.

T- Ela vai te matar, seu bêbado!

A3 (*Apontando a arma.*)- What are you doing?

A- Look, she is my sister. I'm single. Free. My life is mine!

A3- Keep away!

T- Astolfo!

A- Does someone ever told you that you are beautiful?

A3- Sit down with your sister!

A- You doesn't understand portuguese, do you?

A3- I'm warning you!

A- Do you know how we say beautiful in portuguese?

A3- I will shoot!

T- Pelo amor de Deus!!!

A- We say... Linda! That's how we say beautiful... Linda! (*A3 é como que atingida pela palavra e sente um calor pelo corpo. A cada frase em português de Astolfo, A3 vai ficando cada vez mais embriagada.*) Bonita! Linda!

A3- Pare por favor! Fique onde está!

A- Você é uma mulher linda!

A3- Cale a boca!

A- Maravilhosa! Linda! Maravilhosa! Tesão de mulher! Eu vou te morder inteira!

A3- Pare! Nem mais um passo!!!

A- Vem aqui que eu te pego! Bota essa arma para lá, meu anjo! Eu vou te ensinar a não brincar com arma!

A3- Por favor! Por favor!

A- Você gosta que eu fale assim? Sacaninha! Todas gostam!

A3- Eu vou atirar se você...

A- Gostosa! Tesuda! Mulherão!

A3- Por favor...

A- Eu quero você inteirinha para mim!!!

A3- Não!

T- Astolfo!!!

Eles se beijam, música romântica. Eles se olham.

A3 (Ainda abraçada.)- Afaste-se.

A- Eu acho que eu amo você.

A3- Eu também... Eu também acho que amo você.

T- Isso não está acontecendo! Isso é coisa da minha cabeça.

Alucinação de Thalita, Astolfo e A3 cantam o tango do cafetão e da prostituta. De repente A2 entra e aponta a arma para o casal.

A2- O que está acontecendo aqui???

A3- Oi? Nada! Nada!

A2- Largue a arma!!!

A3- O quê?

A2- Eu disse pra largar a arma!

A3- O que você pensa que está fazendo?

A2- Olha que eu atiro! Traidora!

A3- Eu?

A2- Atracada com o rapaz. Quem diria que ia ser tão fácil se livrar de você.

A3- Eu não fiz nada de mais!

A2- Idiota. Se deixar morrer assim por causa de um beijo. (Ri.)

(Pausa.)

A3- Você me odeia. Você sempre me odiou. Não estou certa?

A2- Sempre.

A3- Eu não entendo.

A2- Larga a arma! Larga! Larga a arma!!! (Num clima de extrema tensão, A3 tenta apontar a arma para A2, mas esta rapidamente atira. A3 desfalece no colo de Astolfo.)

A3- Me perdoe meu amor. Me perdoe por ter invadido a tua casa.

A1 (Entrando.)- O que está acontecendo aqui???

A2- Ela... Ela era uma traidora. Estava do lado deles o tempo todo.

A1- Não acredito! Que merda!

A2- Foi uma perda terrível. Mas eu tive que matá-la.

A1 (Pausa. Ele percebe que Astolfo segura o corpo da mercenária.)- Você foi esplêndida. Parabéns.

A2- Ora... obrigada!

A1- Que bom que você resolveu o problema sozinha. Você é uma mercenária de primeira, heim!

A2- Muito obrigada!

A1- Muito bem. Estou impressionadíssimo. Você aceitaria jantar comigo quando acabarmos o serviço?

A2- Mas é claro!

Thalita sorrateiramente pega a arma da mercenária morta e a esconde entre os seios. Trevas. Sala da Casa da Mãe. Esta e o Faxineira.

M- As explosões não acabam nunca.

F- Já estava na hora de mostrar quem manda nessa zona.

M- O quê você quer de mim? Você está destruindo tudo.

F- Mas a cidade vai sobreviver. Os que restarem vão chorar um pouquinho sim, reclamar de como a cidade está violenta, essas coisas, e depois continuam suas vidinhas.

Entram Astolfo, Thalita e os dois Mercenários Alemães.

F- Chegaram os outros dois queridinhos.

M- Meu filho! Meu filho! (*Abraça Astolfo.*)

F- Abraça bastante. Aproveita.

M- Pelo amor de Deus! Eu faço tudo que você quiser!!!

F- Você vai fazer do mesmo jeito.

T (*Aponta a arma que escondia para o Faxineira.*)- Vá embora da minha casa!

M- Thalita o que é isso! Sua louca!

T- Eu não sou louca.

F- Então temos aqui uma heroína.

T- Suma da nossa vida! Vá embora! Anda!

F- Senão o quê? Você arriscaria tua vidinha de estrela de novela pra me matar? Vai fazer justiça? Você morreria pra me destruir? Não creio (*Num gesto rápido, arranca a arma da mão de Thalita.*) Que pena. Infeliz da terra que precisa de heróis.

T- Onde está Pamela?

F- Ela morreu. Tua mãe disse que a vida dela não faz falta. Então resolvi matar você e o teu irmão só pra ver a cara que a tua mãe vai fazer.

M- Não mata o meu filho! Eu estou te suplicando!

F- Sei.

M- O meu filho não!!! Pode me matar se quiser! Atira em mim! Mas não o meu filho, por favor!!!

F (*Agarrando Thalita e apontando a arma para a cabeça dela.*)- A tua filha aqui não tem problema? Posso?

M- Não mata o meu filho! É tudo que eu te peço! O meu filho não, pelo amor de Deus!

F- Essa aqui, tudo bem, mas ele, não?

M- Por favor...

F- Mas a senhora é muito burra mesmo, é impressionante. (*Larga Thalita e agarra Astolfo pelos cabelos, coloca a arma nas costas dele.*)

M- Não! Não!!! (*Os Mercenários seguram a mãe.*)

A- Escuta! Não faz isso! Eu tenho 500 dólares escondidos no meu travesseiro! Pega pra você!

F- Cala essa tua boca. (*Atira. Astolfo cai.*) Soltem ela. (*Mãe está em estado de choque.*) Pronto! Isso! Agora sim vejo que tenho a total atenção da senhora. Podemos conversar civilizadamente. O trato é o seguinte. Sessenta por cento do que a senhora anda ganhando me pertence.

M (*Desnorteada.*)- Como?

F- Esse teu negócio de guardadores de carro. Todo mês eu mando alguém vir aqui buscar a minha parte. Sessenta por cento. Não vai tentar me passar pra trás, heim?

M- Sessenta por cento...? Do que você está...?

F- Não precisa fazer essa cara, minha senhora. É o que todo criminoso paga, do batedor de carteira ao ladrão de banco, porque com a senhora haveria de ser diferente?

M- Eu não sou criminosa...

F- A senhora é uma bela duma ladra.

M- Não! (*Se abraça firmemente ao corpo morto do filho.*) Essas vagas de carro são minhas! Minhas! Então é por isso que o senhor está aqui? Foi meu marido que morreu que me deixou as vagas! Foi ele que conseguiu a maior parte delas quando era deputado! O resto eu conquistei com o meu dinheiro! Você não pode fazer isso comigo.

F- A senhora não está me escutando.

M- Foi a herança que ele, o meu marido, deixou para mim. Eu não sou uma criminosa.

F- A senhora vai pagar os sessenta por cento e aí continua cuidando dos guardadores de carro. A senhora é boa no que faz, eu gosto. Só tem um porém.

M- As vagas de carro são minhas! Minhas!

F- A senhora está errando num ponto importante. A senhora guarda os carros bem demais. Os puxadores de carro vieram até mim, sabe? Andaram reclamando que não conseguem mais roubar carro estacionado na tua área.

M- É claro que não. Meus guardadores são os melhores.

F- Mas se não se rouba carro, pra quê guardador? Se não existirem mais ladrões, onde irão parar os teus negócios?

M- Eu não entendo...

F- Então apenas obedeça. Eu sou o teu chefe agora. Faça com que pelo menos dez por cento dos carros sejam roubados de qualquer jeito. Assim a senhora até poderá subir os preços da tabela já que o medo dos clientes será ainda maior.

M- Eu não posso fazer isso. Eu ofereço qualidade no meu serviço.

F- A senhora vai fazer e acabou. Os ladrões ficam felizes, eu fico feliz e a senhora sobrevive. A senhora tinha é que me agradecer. Do jeito que as coisas iam, os ladrões de carro iam se extinguir e o seu negócio mais cedo ou mais tarde também iria à falência. Bom, é isso. Foi um prazer. Não se preocupe com os prédios destruídos, amanhã os cidadãos voltam a estacionar nas nossas vagas. Prepare a minha parte dos lucros no final do mês. *(Para Thalita.)* E você... Eu gostei de você, mais bonita do que na tevê. Quem sabe a gente não se esbarra por aí? Tchau. *(O Faxineira sai com os dois Mercenários.)*

T- Que silêncio. Acabou. Eu vou embora daqui. Eu estou sendo expulsa desta cidade, da cidade que eu amo tanto, tão linda e tão judiada. Talvez longe daqui eu possa ser até, quem sabe um pouco, talvez completamente, talvez eu possa ser feliz. Pelo menos não estou sozinha, ele, o meu poeta, está dentro da minha cabeça. *(Pausa.)* Não. Não está mais. Já não o sinto. Não está mais aqui comigo. Ele me deixou. Se foi para sempre. Adeus meu querido Bertold. *(Pausa.)* Bertold?.. Não adianta. Acabou.

Trevas...